

Aluno(a):

Semiextensivo

Turma:

Turno: Mat. e Vesp.

QUEDA DE NATALIDADE NA ALEMANHA CAUSA ALERTA

Os índices de nascimentos estão em seu nível mais baixo, indicando que as políticas adotadas pelo governo para apoiar as famílias não estão animando os alemães

Kate Connolly - O Estado de S.Paulo THE GUARDIAN

A taxa de natalidade na Alemanha despencou para seu nível mais baixo já registrado, ficando abaixo do número de nascidos no fim da guerra quando muitos cidadãos estavam subnutridos e a pobreza grassava. Os números divulgados pelo Escritório Federal de Estatísticas suscitaram temores de que a Alemanha não esteja fazendo o suficiente para apoiar as famílias.

No ano passado, nasceram 651 mil bebês na Alemanha, 30 mil a menos que no ano anterior. Com apenas 8,1 crianças nascendo de cada 1 mil cidadãos (ante 9,3 em 2000), e com 10 em cada 1 mil cidadãos morrendo a cada ano, a Alemanha está longe de aproximar-se de uma taxa de reposição que manteria a população estável.

"A Alemanha está encolhendo", dizia a manchete do jornal *Tagesspiegel*, quando as estatísticas foram divulgadas na semana passada, provocando reações de alarme.

Fora o pico mínimo na taxa de nascimentos de 2007, depois da introdução de um sistema de benefícios para mães e pais, o número de nascimentos vem caindo mais ou menos constantemente desde os anos 70.

Numa escala europeia, a Alemanha tem o índice de natalidade mais baixo, e numa escala global, a situação é ainda pior. De 27 países com populações acima de 40 milhões, a Alemanha ocupa o penúltimo lugar em termos de crianças com menos de 15 anos como porcentagem da população total.

O Japão é o último, com 13%, seguido pela Alemanha com 13,6% e a Itália com 14%. Com 45%, a Etiópia tem a porção mais alta de população jovem.

Há muito que os políticos vêm sendo obrigados a melhorar a taxa de natalidade ou enfrentar o problema de a Alemanha ficar com trabalhadores e contribuintes insuficientes para sustentar uma população que, como boa parte da Europa, está envelhecendo mais rapidamente que em qualquer outro momento da história.

As estatísticas desapontaram muitos observadores que achavam que a política do governo de apoiar as famílias, que inclui mais de 150 bilhões por ano injetados em benefícios familiares, pagamentos para creches e compensação de salários de pais, teria tido um efeito positivo no índice de natalidade.

A ministra de assuntos da Família, Kerstin Schroder, disse que a razão para o não aumento dos índices foi a queda do número de mulheres em idade de procriar. Mas ela também admitiu que ter filhos "requeria muita coragem" e num período da mais profunda crise econômica desde a guerra muitos alemães "estavam assustados e angustiados por seus empregos, e por isso decidam não ter filhos". Ela sugeriu também que "algumas mulheres simplesmente não conseguem encontrar o marido certo".

Erros. Mas, para alguns especialistas, a Alemanha ignorou o problema por muito tempo, adotando erroneamente o adágio do chanceler do pós-guerra Konrad Adenauer, que disse: "As pessoas sempre terão filhos, aconteça o que acontecer." Segundo Katya Tichomirowa, especialista em política familiar, França e Escandinávia, que têm índices de natalidade mais altos, contradisseram a ideia de que uma taxa baixa era natural em países industrializados. Ela preferiu atribuir a culpa a um erro de ver as duas partes de um casal como iguais.

"Em nenhum outro lugar da Europa o sistema tributário produziu tanto em favor do modelo de família de um único pai provedor e uma mulher caseira como este... o Estado deveria

estar apoiando o desenvolvimento de carreira de ambos os pais, permitindo que colaborem no atendimento à criança", ela escreveu no *Berliner Zeitung*.

Mas a questão continua sendo particularmente sensível num país que transformou a procriação num ato de patriotismo durante a era nazista, na qual as autoridades insistiam que as mulheres deviam se concentrar nos filhos, na cozinha e na igreja - e davam medalhas com base no número de filhos que geravam.

"Ainda há muitos homens que apoiam esse ideal, que certamente afasta as mulheres", disse Silke Schmidt, uma acadêmica de 39 anos que mora em Berlim. Mas ela admitiu que há uma lamentável carência de meios de assistência para as famílias terem filhos num mundo moderno: "As escolas com frequência terminam tão cedo que é impossível conseguir um emprego em tempo parcial e as creches são precárias."

Mas o fenômeno da *Rabenmutter* não é particularmente útil, tampouco: "mães corvos" é o termo depreciativo para mulheres que combinam trabalho e família.

Os temores sobre os problemas demográficos da Alemanha só se aprofundaram após as recentes advertências de que grandes cortes orçamentários serão iminentes para equilibrar o orçamento.

Roland Koch, premiê do Estado de Hesse e membro do governo de Angela Merkel, está liderando apelos conservadores por um corte nos benefícios familiares, o que, segundo especialistas, eliminaria a possibilidade de aumentar a taxa de natalidade.

Tradução de celso m. Paciornik

COMO CASAR OS FILHOS NA CHINA por Cíntia Acayaba

No mercado do matrimônio, a situação financeira importa mais que o amor e a paixão.



Por Cíntia Acayaba, de Pequim. Foto: Emeric Fohlen

Mulher nascida em 1982. Tem 1,76 metro de altura e 65 quilos. Trabalha em um banco. Recebe salário de 8 mil yuans (cerca de 2 mil reais). Tem seu próprio apartamento. Quer um marido com 1,82 metro, proprietário de casa ou carro. O anúncio, escrito em papel sulfite, foi feito por um pai chinês em busca de um marido para a sua filha.

O cartaz da mulher de 28 anos está ao lado de outras centenas de anúncios semelhantes dispostos em um banco do Parque Zhongshan, no centro de Pequim.

Todas as quintas-feiras e domingos centenas de pais e mães vão ao parque anunciar seus filhos. Além dos cartazes, levam pequenos bancos dobráveis, chapéus de sol e garrafas térmicas com chá para um longo dia de conversas e troca de informações. Está aberto o mercado de casamentos chinês, em frente à Praça Tiananmen e ao lado da Cidade Proibida, coração político da China.

Os primeiros pais chegam pela manhã. Conseguem se acomodar nos bancos do parque, onde dispõem os cartazes. Em um deles está Jia Hui, de 70 anos, que pela sexta semana comparece ao mercado para uma missão dupla: conseguir uma boa mulher para seus dois filhos de 33 e 31 anos. Uma “boa mulher” tanto para Hui como para a maioria dos chineses é aquela que tem posses e estudos. “Se não tiver uma casa é importante que ela tenha um carro ou ao menos um bacharelado.” O filho mais novo, Kanny, professor de Engenharia Eletrônica, sabe aonde sua mãe vai aos domingos. “Está difícil encontrar alguém e entendo o que faz, mas acho que ela está mais preocupada em arranjar uma mulher para meu irmão”, diz ao telefone, um pouco envergonhado.

No início da tarde não há mais lugar nos bancos do parque e o jeito é abrir a cadeira dobrável ou caminhar com o cartaz com as informações sobre o filho pendurado ao corpo. A essa hora do dia, a grande quantidade de sexagenários no mesmo espaço do parque começa a despertar a atenção dos turistas.

O professor de Engenharia aposentado Zhang Zhonghao, de 65, não gosta que fotografem o cartaz de sua filha, mas adora conversar com os poucos visitantes estrangeiros no parque. “Os europeus são mais altos do que os chineses e podem combinar mais com minha filha.” Além da estatura europeia, Zhonghao acredita que os homens do Velho Continente têm mais propriedades em relação aos primeiros filhos do capitalismo chinês.

A filha, Zhang Shan Shan, tem 27 anos, 1,76 metro, trabalha como administradora de empresas e tem uma “carreira brilhante”, segundo o pai. “Ela trabalha demais. Hoje, por exemplo, está na Malásia, em viagem de negócios. Não tem tempo para encontrar um noivo à sua altura.” Diferentemente de Hui, Zhong-hao parece não querer aceitar um noivo somente com bacharelado, sem bens. “Um homem chinês não gosta de ser inferior à sua mulher economicamente.”

Segundo uma pesquisa publicada no popular site chinês Sohu.com, 80% dos homens chineses aceitam o que chamam de “casamento pelado”, sem imóvel, carro e aliança. Mas 70% das mulheres não querem se casar sem “as roupas”. É comum ouvir histórias de que solteiras recusaram um segundo encontro ou até mesmo o bate-papo inicial ao saber que o pretendente não tem meios para comprar uma casa. O boom imobiliário que disparou os preços dos imóveis na China, desde 2007, em até 800%, em Pequim, nos últimos oito anos, acaba por distanciar os jovens do matrimônio. Há até um dito popular chinês: “Sem casa? Pegue a estrada!”

A situação para os homens ainda tende a se complicar. De acordo com o último censo, a desproporção entre homens e mulheres aumentou: há cem mulheres para cada 118,06 homens. Em duas décadas, perto de 15% dos homens não terão com quem se casar, projeta uma revista local. A falta de mulheres no mercado é uma consequência da Política do Filho Único. Como se privilegia o sexo masculino, é comum que casais optem por abortar um feto do sexo feminino.

Um homem que não tem idade para ter filhos de 20 anos se acerca de Zhonghao. É o médico Li Ying Li, de 32. Conversa com o professor aposentado e pede para ver as fotos da filha. “Muito bonita”, afirma o médico ao se afastar do sogro em potencial. “Mas não dá para mim. É muito alta”, diz. “É quase impossível encontrar alguém que combine com você”, completa o médico.

Ying Li foge à regra dos frequentadores do mercado. Ele é um dos poucos solteiros no parque em busca de uma mulher para si mesmo. Trabalha na emergência de um hospital de Pequim e diz usar a única folga da semana para participar do mercado. “É a primeira vez que venho. Uma médica, colega do hospital, casou-se há 20 dias com um homem encontrado pelos pais em Zhongshan”, conta. “Ela está feliz, quem sabe eu também não dou sorte?”

Ying Li sofre certo preconceito social, apesar de ter um bom emprego e um teto. Desta vez, o que atrapalha são as tradições chinesas que não veem com bons olhos um homem solteiro após os 30 anos. Se para eles, o casamento deve acontecer por volta dos 30, elas devem fazer o cálculo para alguns anos antes, entre 26 e 28. O jornal China Daily alerta em

seu noticiário para o fato de que a juventude tem adiado demais a boda e colocado a carreira em primeiro lugar. É por essa e nenhuma outra razão que Pan Zhi Lin, de 75 anos, frequenta há cinco o mercado casamenteiro. Ela quer uma mulher para seu filho de 38 anos, diretor em uma indústria, salário de 4 mil dólares por mês, casa e carros.

Depois de ler os currículos, os pais iniciam conversas com os progenitores de quem lhes possa interessar. Sacam cadernetas dos bolsos e começam a anotar. Perguntam os salários, diplomas, signo no horóscopo chinês e até o tipo sanguíneo. É nesta hora que a maioria das fotos se revelam. A beleza é importante, mas está em segundo plano. A troca de telefones acontece e os filhos vão se encontrar às cegas em algum restaurante da cidade. Os pais garantem que os herdeiros não têm de se casar com quem eles escolheram, como acontecia antigamente. Mas a sugestão e o trabalho empregados devem ser levados em conta pelos descendentes.

“E o amor?”, pergunta o engenheiro- de computação Zhang Donchen, de 27anos, que até então desconhecia o mercado. “Pensando bem, eu entendo esses pais. Acho o amor importante, mas o trabalho e a formação acadêmica são mais valorizados nos dias de hoje.”

A ISLAMOFOBIA EUROPEIA SE ACENTUA

Gianni Carta 28 de setembro de 2010 às 16:32h

Como explicar o novo surto de extremismo na Europa?

Pela economia, em primeiro lugar. Mas há também uma profunda crise de identidade

Assustada, uma senhora de pele branca vê um grupo de mães com burcas passá-la na fila para receber benefícios da Previdência. Eis a propaganda televisiva da legenda holandesa de extrema-direita que nas legislativas de domingo 19 recolheu 6% dos votos. Os Democratas da Suécia, ou SD (sim, esse é o nome da agremiação islamofóbica), chegaram, fato histórico na liberal e solidária Suécia, ao Parlamento, o Riksdag. Segundo o líder do SD, Jimmie Akesson, a população muçulmana constitui a maior ameaça estrangeira contra a Suécia desde a Segunda Guerra Mundial.

Nada, infelizmente, de novo. Em junho, o extremista Partido da Liberdade foi o terceiro mais votado na Holanda. Na Itália, a xenófoba Liga do Norte integra a aliança no governo. E agremiações extremistas têm cadeiras nos parlamentos na Áustria, Dinamarca, Letônia e Eslováquia.

Como explicar esse novo surto de extremismo nas urnas do Velho Continente? A primeira culpada, como sempre, é a economia, que castiga a Europa desde o início da crise bancária em 2008. Em tempos de vacas magras, e de subsequentes níveis elevados de desemprego, imigrantes não são bem-vindos – são devidamente reciclados em bodes expiatórios. No entanto, na Alemanha, onde é best seller uma obra islamofóbica escrita por um ex-integrante do diretório do Bundesbank, a economia retomou. Na Suécia, a previsão para 2010 é de um crescimento do PIB mais veloz do que em qualquer outro país da OCDE.

Dizem que esse novo vagalhão de extremismo tem raízes também numa profunda crise de identidade. Se nas décadas passadas o alvo da insatisfação geral dos europeus eram os refugiados políticos, desta feita os desestabilizadores da suposta harmonia europeia seriam os muçulmanos. Thilo Sarrazin, expulso do Bundesbank por ter escrito o best seller islamofóbico, expressaria o pensamento de muitos europeus? O fato de o livro ser muito vendido não pode ser desprezado.

Segundo o alemão Sarrazin, imigrantes muçulmanos “não querem ou são incapazes de integrar a sociedade ocidental”. Muçulmanos não querem aprender alemão, abusam da Previdência, fazem parte da fatia da população que mais comete crimes. E a religião muçulmana expõe claros elos entre violência, ditadura e terrorismo. O ex-social-democrata Sarrazin parece ter se inspirado em manifestos de legendas da extrema-direita europeia.

Há quem diga, porém, que nem todo voto num partido extremista revela mais um eleitor xenófobo. Caso contrário, seriam extremistas todos os eleitores de Jean-Marie Le Pen, o líder do Frente Nacional que chegou ao segundo turno das presidenciais em 2002? Vários eleitores, teriam, corre essa linha de reflexão, manifestado seu protesto contra as legendas que não lidam com questões como a imigração votando no FN.

Da mesma forma, Sanna Rayman, do diário conservador Svenska Dagbladet, nos diz que na Suécia vários cidadãos não veem os Democratas da Suécia como aqueles com as chaves para lidar com a imigração. No entanto, esses extremistas focaram sua campanha no tema. E, por tabela, outras legendas terão de colocar o assunto no tablado político.

Se o voto útil só pode ser usado em última instância (votar no conservador Chirac para bater Le Pen, em 2002), apoiar a extrema-direita é no mínimo desaconselhável. Por outro lado, agremiações têm de lidar com temas relacionados aos imigrantes. Mas como? Não há, infelizmente, solução veloz.

De saída, é importante promover debates sobre os direitos dos imigrantes. Dois artigos da Convenção Europeia de Direitos Humanos defendem o respeito da vida privada, da identidade pessoal e da liberdade de uma pessoa em manifestar sua religião. Mas a burca e o niqab foram banidos na França. Eis um argumento usado para eliminar a burca: mulheres são pressionadas a usá-la. Mas há quem opte pela burca por livre e espontânea vontade. E seria interessante investigar se as mulheres pressionadas a usar a burca agora se sentem liberadas. Ou estariam alienadas?

Colocar fim na cacofonia de políticas de imigração nos 27 países da União Europeia é outra questão premente. Esta seria, entre outras, uma forma de evitar que políticos conservadores como Nicolas Sarkozy adotassem políticas extremistas. Com a expulsão dos roma, Sarkozy colocou sua nação, com o apoio do reacionário governo italiano, contra a União Europeia, Washington, a ONU e o Vaticano.

Gianni Carta é jornalista, correspondente de CartaCapital em Paris, escreve sobre coisas da vida do Hemisfério Norte.

POPULAÇÃO JAPONESA DEVE ENCOLHER 30% ATÉ 2060

TÓQUIO, 30 Jan (Reuters)

A população japonesa deve diminuir 30 por cento até 2060, ficando abaixo dos 90 milhões de habitantes, sendo dois quintos deles maiores de 65 anos, disse o governo local nesta segunda-feira, num sinal do forte ônus financeiro que recai sobre uma das sociedades que mais rapidamente envelhecem no mundo.

O primeiro-ministro Yoshihiko Noda já prometeu duplicar em duas etapas, até outubro de 2015, o imposto sobre o consumo, que é de 5 por cento, na esperança de que isso ajude a reduzir o déficit previdenciário no Japão, que aumenta à razão de 1 trilhão de ienes (13 bilhões de dólares) por ano e agrava uma dívida pública que já alcança quase o dobro do valor do PIB japonês, que é de 5 trilhões de dólares.

"A tendência de envelhecimento da sociedade irá continuar, e é difícil esperar que a taxa de natalidade vá subir significativamente", disse Osamu Fujimura, chefe de gabinete do governo, em entrevista coletiva. "Sendo assim, é necessária uma abrangente reforma tributária e previdenciária."

A população japonesa tem o maior ritmo de envelhecimento entre os países desenvolvidos, por causa da baixa taxa de natalidade e da elevada expectativa de vida.

A população, que era de 128,06 milhões em 2010, deve cair para menos de 100 milhões em 2048, e para 86,74 milhões em 2060, segundo projeção divulgada nesta segunda-feira pelo departamento de pesquisas do Ministério da Saúde.

Até 2060, o número de japoneses com até 14 anos deve cair para 7,91 milhões, menos de metade do número atual. Já a população com 65 anos ou mais deve aumentar em 18 por cento, chegando a 34,64 milhões, o que representará 39,9 por cento da população total - na estimativa de 2010, esse grupo compunha 23 por cento do total.

(Reportagem de Tetsushi Kajimoto; reportagem adicional de Kaori Kaneko)

EXERCÍCIOS

01 - (UESPI/2010)

"No início da década de 1990, devido à ruptura social no Leste Europeu, o asilo político aumentou o número de imigrantes, em especial na Alemanha. Em termos gerais, na União Européia, estimava-se que, no início da década de 1990, o total da população estrangeira de cidadãos não europeus era cerca de 13 milhões, dos quais aproximadamente um quarto seria de clandestinos... A situação mudou em fins da década de 1990, quando as migrações do Leste europeu se intensificaram na Alemanha, na Áustria, na Suíça e na Itália, e os migrantes africanos entraram no sul da Europa. A imigração ilegal em massa era um fenômeno relativamente novo, em especial no Leste Europeu, quase sempre organizada por círculos criminosos, com milhares de mulheres escravizadas para o lucrativo tráfico de prostituição nos países civilizados do oeste europeu".

(Manuel Castells, 2005)

As tendências atuais do fenômeno migratório evidenciado no texto acima se caracterizam por reproduzir, para além da Europa, em outras escalas continentais, sobretudo em países desenvolvidos, os seguintes fatores, exceto:

- em razão das taxas diferenciais de natalidade entre a população nativa e os imigrantes, as sociedades afluentes estão se tornando etnicamente mais diversas.
- a visibilidade dos trabalhadores imigrantes e de seus descendentes aumentou devido a sua concentração nas maiores áreas metropolitanas e em algumas regiões.
- embora os trabalhadores imigrantes sejam um componente cada vez mais importante do mercado de trabalho de muitos países, isso não significa que a força de trabalho se globalizou.
- a composição étnica e cultural da imigração vem tendo uma proporção crescente de imigrantes de origem europeia nos EUA e uma pequena proporção de imigrantes africanos, asiáticos e muçulmanos nos países europeus.
- a etnia e a diversidade cultural tornaram-se um importante problema social na Europa, representam uma nova questão no Japão e continuam a ser preocupante prioridade na agenda norte-americana.

02 - (UFU MG/2008)

"O crescimento demográfico não é causa primeira do subdesenvolvimento, mas ele contribui poderosamente para o desenvolvimento das contradições econômicas, sociais e políticas. O número de camponeses sem terra e dos desempregados não cessa de crescer, certamente para o maior lucro, a curto prazo, dos industriais e proprietários fundiários, mas as tensões sociais não param de se ampliar. O aumento da população não é excessivo senão em relação a um crescimento econômico restrito, e o impulso demográfico não teria tomado tal velocidade e engendrado tais dificuldades se a natalidade tivesse progressivamente sido reduzida pelos efeitos de um desenvolvimento econômico e social."

Adaptado de Lacoste, Ives. Geografia do subdesenvolvimento. 7ªed. São Paulo: Difel, 1985. p.119-126.

A partir desse fragmento e das teorias sobre esse assunto, considere as afirmativas abaixo.

- O autor retrata as idéias da teoria neomalthusiana, que se caracteriza pela explícita oposição às idéias malthusianas.
- O autor propõe a adoção de uma política antinatalista rigorosa sem a qual não seria possível o desenvolvimento socioeconômico.
- A solução para os problemas sociais e econômicos não pode basear-se, unicamente, na limitação dos nascimentos e, sim, em uma melhor distribuição de renda, o que melhora a qualidade de vida da população.

Marque a alternativa correta.

- A) Apenas I e II estão corretas.
- B) Apenas II está correta.
- C) Apenas III está correta.
- D) Apenas I e III estão corretas.

03 - (FEPECS DF/2008)

“O grande deslocamento de pessoas que ocorre na atual fase da globalização coloca massas populacionais estranhas em contato com sociedades já estruturadas. Estas por sua vez têm que lidar com personagens de outras culturas e línguas distintas.”

Oliva, J., Giansanti, R. *Espaço e modernidade: temas de geografia do Brasil.* São Paulo: Atual. 1999.

“As grandes migrações são uma resposta e representam, na maior parte dos casos, uma queda no valor individual [do migrante].”

Milton Santos

A partir dos textos, é correto afirmar que a queda no valor individual do migrante resulta, entre outros, dos seguintes fatores, exceto:

- A) da aceleração do processo de alienação do espaço de origem.
- B) do reconhecimento do direito de intervir no lugar de destino.
- C) da ruptura cultural com todas as suas seqüelas e todos os seus reflexos.
- D) do abandono da rede de relações longamente tecidas através de gerações.
- E) da entrada em outra arena de competições cujas regras ainda tem que aprender.

04 - (FUVEST SP/2010)

“Pela primeira vez na história da humanidade, mais de um bilhão de pessoas, concretamente 1,02 bilhão, sofrerão de subnutrição em todo o mundo. O aumento da insegurança alimentar que aconteceu em 2009 mostra a urgência de encarar as causas profundas da fome com rapidez e eficácia.”

Relatório da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação [FAO], primeiro semestre de 2009.

Tendo em vista as questões levantadas pelo texto, é correto afirmar que:

- A) a principal causa da fome e da subnutrição é a falta de terra agricultável para a produção de alimentos necessários para toda a população mundial.
- B) a proporção de subnutridos e famintos, de acordo com os dados do texto, é inferior a 10% da população mundial.
- C) as principais causas da fome e da subnutrição são disparidades econômicas, pobreza extrema, guerras e conflitos.
- D) as consequências da subnutrição severa em crianças são revertidas com alimentação adequada na vida adulta.
- E) o uso de organismos geneticamente modificados na agricultura tem reduzido a subnutrição nas regiões mais pobres do planeta.

05 - (UNCISAL AL/2008) A análise dos dados da tabela permite concluir que:

País	População (milhões de habitantes)	Densidade demográfica (hab/km ²)
China	1.313.300	136,8
Mongólia	2.559	1,6
Taiwan	22.370	617,4
Japão	127.800	342,8

- A) a China é o país mais povoado.
- B) Taiwan é o país mais populoso.
- C) a Mongólia é pouco povoada e muito populosa.
- D) o Japão e Taiwan são países povoados.
- E) a China e a Mongólia são países populosos.

06 - (UFAL/2011) A busca por melhores condições de vida – tanto espaciais quanto socioculturais – tem sido uma constante na história de homens e mulheres em todos os tempos.

- A) O que significou para o povo hebreu o episódio da sua história reconhecido como o Êxodo?
- B) Como podem ser classificadas as migrações quanto ao seu espaço de deslocamento?

07 - (UESPI/2011) A distribuição desigual da população na superfície terrestre leva à existência de regiões densamente povoadas e de regiões subpovoadas. São exemplos de áreas densamente povoadas:

- A) Europa Setentrional e Meridional.
- B) Ásia de Sudeste e Europa Centro-Occidental e Meridional.
- C) Ásia de Sudoeste e África Meridional.
- D) Oriente Médio e Oceania.
- E) Kalaari e África Setentrional.

08 - (UNESP SP/2005) A distribuição geográfica da população mundial não ocorre de maneira uniforme. Muitas vezes, sobre um mesmo continente, são encontrados verdadeiros “formigueiros humanos” (áreas muito populosas e povoadas) e, também, áreas anecúmenas (quase sem população).

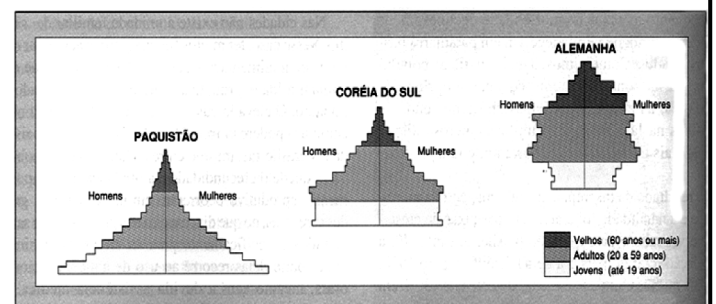
A esse propósito, responda.

- A) Quais são os três países mais populosos do nosso planeta? Qual é o país mais povoado da Terra?
- B) O que é população absoluta? O que é população relativa?

09 - (UFG GO/2011) A globalização como processo caracteriza-se pela difusão de tecnologias por meio de inúmeros recursos de comunicação, com a disseminação de padrões de consumo, a internacionalização da economia, a interação entre as nações e suas culturas e o acirramento das diferenças socioeconômicas e culturais. Um dos efeitos da globalização é a ampliação do número de migrantes que, embora existissem, cresceram muito nas últimas décadas. O fluxo da migração internacional direcionou-se sobremaneira aos países de rendimento elevado. Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2004, em 1960, eram 76 milhões de migrantes; em 1990, esse número cresceu para 154 milhões e, em 2000, para 175 milhões. Tendo em vista o contexto em questão,

- A) apresente uma causa que impulsiona a migração internacional e um impacto desse processo na vida dos migrantes;
- B) apresente e explique um dos efeitos da migração internacional em um país subdesenvolvido.

10 - (UEMG/2008) A estrutura etária da população é comumente retratada por meio de gráficos em forma de pirâmides, conforme a ilustração a seguir.

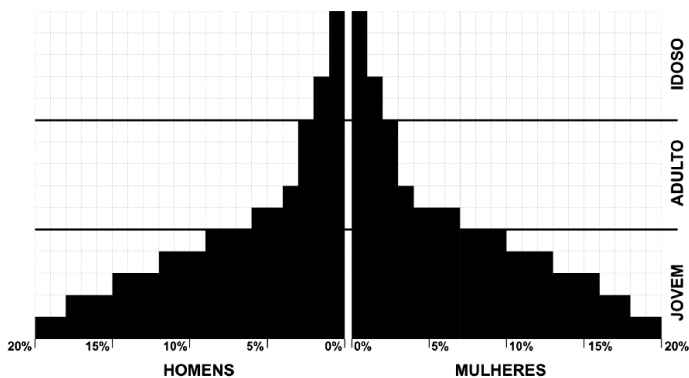


Fonte: CHESNAIS, Jean Claude. La population de l'antiquité à 2050. Paris, Bordas, 1991, p.63.

Assinale a alternativa que descreve corretamente o conteúdo representado pelo gráfico das pirâmides populacionais, acima.

- A) A forma da pirâmide etária de um país é constantemente associada ao seu grau de desenvolvimento.
- B) As pirâmides etárias dos países desenvolvidos costumam apresentar uma base larga e um topo estreito.
- C) Nos países subdesenvolvidos, a pobreza rural e a economia primária desestimulam a natalidade.
- D) A Alemanha possui uma base estreita indicando a elevada expectativa de vida de sua população.

11 - (UPE/2008) A pirâmide etária é um subsídio muito importante para a análise populacional do espaço geográfico. Examine, atentamente, a pirâmide etária abaixo.



Essa pirâmide indica que o país a que ela corresponde:

- A) possui a maior parte da população economicamente ativa no Setor Secundário da economia.
- B) tem uma economia subdesenvolvida.
- C) apresenta um predomínio de migrações sazonais sobre migrações intrazonais.
- D) não apresenta migrações pendulares nas regiões mais desenvolvidas.
- E) apresenta a maior parte da população economicamente ativa nos setores Primário e Secundário da economia.

12 - (UFMG PB/2006) A população mundial é desigualmente distribuída entre os continentes. Além das extensões territoriais, essa desigualdade é também ocasionada por fatores relacionados à questão de ordem demográfica (diferenças na dinâmica populacional de países pobres e ricos), aos condicionantes naturais (áreas ecumênicas e anecumênicas), sócio-econômicos e culturais.

De acordo com essas informações e analisando a tabela abaixo, assinale a alternativa correta.

POPULAÇÃO ABSOLUTA, ÁREA E MÉDIA DA DENSIDADE DEMOGRÁFICA POR CONTINENTE (2000)			
CONTINENTE	POPULAÇÃO ABSOLUTA	ÁREA (KM ²)	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HAB/KM ²)
Ásia	3.682.600.000	45.077.999*	81,6
América	828.700.000	42.057.296	19,7
África	784.400.000	30.209.389	26,0
Europa	728.900.000	10.368.047	70,3
Oceania	30.400.000	8.522.075	3,5
Total	6.055.000.000	136.234.806	40,0 (média)

* Compreendendo o Mar Cáspio e o Mar de Aral

Fonte: L'État du Monde, 2000. Paris. La Découverte. 1999.

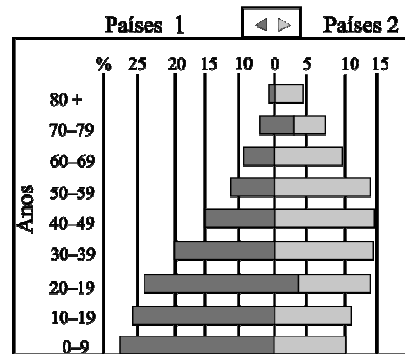
Calendário Atlante De Agostini 2000. Novara. Instituto Geográfico de Agostini, 1999.

Extraído de AMORIM, M. & TERRA, L. Geografia Geral: O espaço natural e sócio-econômico. São Paulo: Moderna, 2001, p. 247.

- A) O continente africano apresenta densidade demográfica maior que a do continente americano. Na África, a porção saariana é a que apresenta maior concentração populacional, e na América, essa população está mais concentrada no norte do Canadá, na Amazônia sul-americana e na Patagônia argentina.
- B) A Oceania apresenta a mais baixa densidade demográfica, pois esse continente foi colonizado por ingleses fugidos das perseguições religiosas que adotaram políticas de controle da natalidade desde o início da ocupação.
- C) Embora com tendência à redução da natalidade e ao menor crescimento populacional do mundo, o continente europeu apresenta uma alta densidade demográfica, porque é formado principalmente por países desenvolvidos.
- D) Grande quantidade da população do continente americano está concentrada em países subdesenvolvidos que apresentam altas taxas de natalidade. Estão fora desse contexto países como os Estados Unidos, Canadá e Brasil, que apresentam crescimento populacional de menos de 1% ao ano.
- E) O continente asiático é o que possui maior contingente populacional. Na composição de sua população estão presentes os povos descendentes das matrizes mongolóide, chinesa e indiana.

13 - (FGV/2010) A questão está relacionada ao gráfico a seguir.

População por Idade, Anos %Total, Estimativa Para 2010



(Divisão da População da ONU)

A análise do gráfico e os conhecimentos sobre a dinâmica demográfica permitem afirmar que no grupo de países:

- A) 1, a idade média da população supera os 30 anos, o que significa um elevado potencial de população economicamente ativa.
- B) 1, os governos locais necessitam criar políticas que atendam à saúde e educação de grande parcela de crianças e jovens da população.
- C) 1, há a necessidade de criação ou fortalecimento dos sistemas previdenciários para atender à demanda da população acima de 20 anos de idade.
- D) 2, o maior desafio é acelerar o processo de transição demográfica devido à grande proporção de adultos e idosos.
- E) 2, os Estados devem assumir posturas neoliberais para atender ao grande contingente de jovens e adultos no conjunto da população.

14 - (UNESP SP/2009) A taxa mínima de fecundidade para manter a estabilidade demográfica é de 2,1 filhos por mulher.



